

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-MARIE STRAUB - NUNCA RECONCILIADO
23 de Janeiro de 2023

QUEI LORO INCONTRI / 2006 (*"Estes Encontros com Eles"*)

um filme de Danièle Huillet e Jean-Marie Straub

Realização: Danièle Huillet, Jean-Marie Straub / **Argumento:** Danièle Huillet e Jean-Marie Straub, baseado nos últimos cinco diálogos de *Dialoghi con Leucó*, de Cesare Pavese / **Direcção de Fotografia:** Renato Berta, Jean-Paul Toraille e Marion Befve / **Montagem:** Danièle Huillet e Jean-Marie Straub / **Interpretação:** Angela Nugara, Vittorio Vigneti, Grazia Orsi, Romano Guelfi, Angela Durantini, Enrico Achilli, Giovanna Daddi, Dário Marconcini, Andrea Bacci, Andrea Balducci.

Produção: Straub-Huillet – Pierre Grise Productions / **Produtores:** Danièle Huillet, Jean-Marie Straub e Martine Marignac / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa, em 35mm, colorida, falada em italiano com legendagem electrónica em português, 68 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Quei Loro Incontri é apresentado com **Le Genou d'Artémide** ("folha" distribuída em separado).

Quei Loro Incontri tem sido visto como fecho de uma espécie de trilogia "oficiosa" que teria tido os dois primeiros tomos em **Operai, Contadini** (2001) e **Le Retour du Fils Prodigue – Les Humiliés** (2003). O mesmo grupo de actores, alguns deles já vistos também em **Sicília!** (1999), membros de uma companhia de teatro amadora com a qual Straub e Huillet começaram, aliás, por conceber uma encenação teatral antes de partirem dela para o filme que veio a ser **Quei Loro Incontri**; os mesmos cenários, bosques e arvoredos nos arredores da pequena vila toscana de Buti, lugares que, disse Straub, "*sont maintenant pour nous un peu comme Monument Valley pour John Ford*"; e um mesmo tema genérico (ou sua hipótese, pelo menos), a partir duma reflexão sobre aquilo a que Emmanuel Burdeau chamou, com duplo sentido, "la parole ouvrière" – que é tanto "a palavra dos operários" como "a palavra que opera", a palavra feita acção, a palavra que produz.

Essa exposição (talvez seja termo mais justo do que "reflexão") da "palavra operária" estava, com alguma nitidez, no centro dos outros dois filmes desta hipotética trilogia. Filmes que (como **Sicília!**) se construíam a partir de textos de Elio Vittorini, enquanto este vai buscar Cesare Pavese e os *Diálogos com Leucó* (os cinco últimos do livro), o que permite recuar ainda mais na obra de Straub-Huillet e estabelecer uma relação entre **Quei Loro Incontri** e **Dalla Nube Alla Resistenza** (1979), que também pegava nestes *Diálogos* de Pavese.

Sem prejuízo da fluidez com que se sente a passagem dos filmes de 2001 e de 2003 para este, será no fim de contas com o filme de 1979 a relação mais forte. Numa (magnífica) entrevista com Straub e Huillet conduzida por Emmanuel Burdeau e Jean-Michel Frodon e publicada nos *Cahiers du Cinéma* de Outubro de 2006, é perguntado aos cineastas o porquê da escolha destes cinco textos dos livros de Pavese. Resposta de Straub: *“São os cinco últimos diálogos, os Diálogos com Leucó são compostos por vinte e sete. Em **Dalla Nube alla Resistenza** tínhamos seis, os três primeiros e outros três lá mais para o meio. Na época não pensei voltar ao livro, voltei por uma questão de desafio. Tínhamos vontade de fazer isto de maneira diferente, sem indicar as personagens mitológicas como no primeiro filme, sem guarda-roupa supostamente grego, com pessoas que trataríamos pelo verdadeiro nome e não pelo nome da personagem. O filme passa-se nos nossos dias, e apoia-se no facto de entretanto termos feito outros filmes”*. Sublinhado nosso, menos porque esta questão da localização temporal, num filme e num texto assente em personagens mitológicas, pareça ser uma preocupação insólita por parte dos realizadores, mas porque ela instaura uma espécie de “décalage” ou de contradição, através da qual passa porventura o essencial de **Quei Loro Incontrì**: justamente, a diferença entre o tempo do filme (“os nossos dias”), e os tempos da narrativa (tempo mitológico) e do livro de Pavese. De resto, no fim do filme, Straub e Huillet colocaram uma inscrição que se lê como se lêem as inscrições em pedras tumulares: 1947-2005. Explicou Straub (na mesma entrevista) que essa leitura, “do nascimento à morte”, era “um erro”, e que a inscrição lá está para que as pessoas saibam que o texto não é de hoje mas “de 1947, a época das esperanças do pós-guerra” – sem querermos desafiar Straub, perguntamo-nos se não será exactamente o mesmo. Sinalizando o tempo do livro, sinaliza-se o seu desfasamento: isto não são palavras nem ideias dos nossos dias, pertencem a um tempo onde havia outro optimismo e, nos homens, uma capacidade (“a palavra operária”) que era legítimo imaginar que os deuses invejassem, interrogando-se (como no primeiro episódio) por que razão Zeus se resolvera misturar com os homens, criaturas finitas que a separá-lo dum verme só tinham a consciência de que iam morrer, vivendo toda a vida com essa consciência. Este conflito, esta contradição, esta recusa figurativa (abandonar, até, “o guarda-roupa supostamente grego), alimentam a tensão mais fascinante de **Quei Loro Incontrì**: a criação de um “tempo duplo”, o tempo dos deuses (que falam) e o tempo dos homens (que com a sua voz fazem os deuses falar). Pergunta interessante: o fora de campo, pertence a quem? Quando (no último episódio), o diálogo se encerra com o actor a fitar demoradamente algo que não está em campo, a quem pertence esse olhar, ao actor ou à personagem?

O plano final (lindíssimo) parece propor uma resposta: é o ponto de vista dos homens, visto que se trata de uma panorâmica vertical, com a câmara a subir do chão até se fixar no céu, passando por um hipotético Olimpo cruzado por um cabo inequivocamente “moderno”. Straub tem uma explicação mais prosaica para esse plano, mas nada contraditória com isto: *“Conhecemos esta zona numa época em que não havia nenhuma antena de televisão. Foi uma fúria minha, estava farto de ver estas antenas multiplicarem-se há dez anos, farto de ver um cabo a atravessar (...). O filme mostra isto, estávamos no alto, com as árvores, as rochas e as pessoas, e agora estamos em baixo, com a civilização que temos presentemente”*.

Luís Miguel Oliveira